

1º CONGRESSO de ARQUEOLOGIA PENINSULAR

1º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR

PORTO
FACULDADE DE LETRAS
12 - 18 OUTUBRO
1993



ACTAS VI

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1995

S.P.A.E.
S O C I E D A D E
P O R T U G U E S A • D E
A N T R O P O L O G I A
E • E T N O L O G I A



TRABALHOS DE
ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

VOL. XXXV (Fasc. 2)

1.º CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA PENINSULAR

(Porto, 12-18 de Outubro de 1993)

A C T A S

(Coordenação de Vítor Oliveira Jorge)

Vol. VI

Capa: Povoador a sudeste do Castelo. Castro Laboreiro (Melgaço).
(Foto de A. M. Baptista).

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1995

SUMÁRIO

Bernat Martí Oliver, Director do Servei d' Investigació Prehistòrica (Valência) (Pré-história)
Fernando Molina Gonzalez, Professor Catedrático da Universidade de Granada (Pré-história)
Alfonso Moure Romanillo, Professor Catedrático da Universidade de Santander (Pré-história)
Mercedes Roca, Professora Catedrática da Universidade Central de Barcelona (Arqueologia Clássica)
Javier Sanchez Palencia, Colaborador científico do Departamento de Arqueologia do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC, Madrid) (Arqueologia Clássica)
Manuel Santonja Gomez, Director do Museu de Salamanca (Pré-história)
José Manuel Vazquez Varela, Professor Titular da Universidade de Santiago de Compostela (Pré-história)

Presidentes das Secções

- I – *Pré-história*: **Antonio Arribas Palau**, Professor Catedrático Emérito da Universidade de Granada
- II – *Pré- e Proto-história*: **Hermanfrid Schubart**, Director do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid
- III – *Arqueologia Romana*: **Jorge de Alarcão**, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- IV – *Arqueologia Medieval e Pós-Medieval*: **Carlos Alberto F. Almeida**, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- V (Sessão plenária dia 16-Manhã) – *Contribuições das ciências naturais e "exactas" à Arqueologia*: **Adília Moutinho Alarcão**, Directora do Museu Monográfico de Conímbriga
- VI (Sessão plenária dia 16-Tarde) – *Metodologia e teoria arqueológicas*: **Juan M. Vicent García**, Investigador do Departamento de Prehistoria do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC, Madrid)
- VII – *Workshop sobre Datação pelo Radiocarbono*: **João M. Pelxoto Cabral**, Director do Instituto José de Figueiredo (Lisboa)

<i>Preâmbulo</i>	13
<i>Arte mueble magdaleniense de la Cueva de la Güelga, Cangas de Onis, Asturias</i> , por Alberto Martínez Villa y Mario Menéndez Fernández	17
<i>Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências</i> , por Joaquina Soares	27
<i>La neolitización en las comarcas de Liébana y Polaciones (Cantabria): implicaciones socio-economicas</i> , por Augustín Díez Castillo, Yolanda Díaz Casado y Goretty Robles Fernández	55
<i>Perspectivas y primeros resultados del Proyecto Minas Prehistóricas de Gavá (Barcelona)</i> , por Josep Bosch Argilagós y Alcía Estrada Martín	73
<i>Tecnología minera neolítica a partir del yacimiento de Can Tintorer (Gavà, Baix Llobregat)</i> , por M. ^a J. Villalba, M. Edo y A. Blasco	95
<i>La Calaíta en la Península Ibérica</i> , por M. Edo, M. ^a J. Villalba y A. Blasco	127
<i>Ideas de tierra</i> , por Christine Boujot, Serge Cassen y Jacobo Vaquero Lastres	169
<i>O câmbio social nos enterramentos do NO. de finais do IV a II milénio (Resumo)</i> , por Antom Fernández Malde	193
<i>Vale de Rodrigo. Projecto interdisciplinar para a investigação do megalitismo numa região do Sul de Portugal</i> , por Philine Kalb e Martin Höck	195
<i>El fenómeno funerario durante la Prehistoria Reciente en el Centro de la Meseta: la provincia de Guadalajara</i> , por Pedro José Jimenez Sanz y Rosa Maria Barroso Bermejo	211

<i>Algunos planteamientos sobre el arte rupestre del Noroeste Peninsular: relaciones y cuestiones de base, por Antonio Beltrán</i>	225	<i>O sistema hidráulico do Vale do Huecha sob o domínio do Mosteiro de Veruela (Aragão), por Simonne Teixeira</i>	383
<i>La vivienda de la Edad del Bronce en el Sureste Peninsular: nuevos aspectos, por Juan Luis Montero Fenollós</i>	233	<i>Castro Laboreiro – Serra da Peneda. Sistemas de povoamento e ocupação do espaço, por Alexandra Cerveira Pinto Sousa Lima</i> ..	403
<i>O que é a IIª Idade do Ferro no Sul de Portugal?, por Ana Margarida Arruda, Amílcar Guerra e Carlos Fabião</i>	237	<i>Projecto Gravado no Tempo – Portugal – Inventário total da arte rupestre. 1991 - 1993, por Mila Simões de Abreu e Ludwig Jaffe</i>	417
<i>Monte Romero (Huelva), a silver producing workshop of the Tartessian period (Abstract), by Vasiliki Kassianidou & B. Rothenberg</i>	259	<i>Nuevas aportaciones arqueobotánicas al conocimiento del paisaje megalítico en el Noroeste Peninsular. Estudio de fitolitos de la Mamoa 1 das Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa, Portugal), por V. Galván, J. Juan, A. Pinilla, J. Galván y A. H. Gonçalves</i>	433
<i>La introducción del torno en la Meseta, por Maria Luísa Cerdeño y Rosario García Huerta</i>	261	<i>Jazida de Castelo Velho (Freixo de Numão). Elementos arqueozoológicos, por Miguel Telles Antunes</i>	451
<i>El caracter de clase de la sociedad ibérica del Sureste Español y los orígenes del Estado, por Juan A. Santos Velasco</i>	275	<i>Contenido de mercurio en huesos de animales domésticos y trashumancia, por E. Logemann, G. Kalkbrenner, B. Krützfeldt y W. Schüle</i>	457
<i>La ambivalencia de los símbolos vegetales: el ejemplo de la cerámica ibérica de Elche (Alicante), por M. Trinidad Tortosa Rocamora</i>	287	<i>Problemas para el establecimiento del grupo de referencia del taller de Abella: perturbaciones en el patron, por J. Buxeda i Garrigós y J. M. Gurt i Esparraguera</i>	471
<i>Zoelas e Civitas Zoelarum: uma unidade étnica no quadro da romanização do Noroeste, por Francisco Sande Lemos</i>	295	<i>Los ejercicios de intercomparación en los laboratorios de datación por radiocarbono, por G. Rauret y J. S. Mestres</i>	483
<i>Aprovisionamento de materias primas líticas nos castros de A Forca e Santa Trega (A Guarda, Pontevedra), por Xosé Lois Currás Peleteiro e Juan Antonio Cano Pan</i>	311	<i>CONCLUSÕES E PROPOSTAS DO CONGRESSO</i>	501
<i>Cerâmica comum em Tongobriga, por Lino Dias</i>	325		
<i>Cerámicas y monedas andalusíes: un modelo de datación en época emiral, por A. Canto y M. Retuerce</i>	341		
<i>Espacios irrigados de origen andalusí en la Sierra de Tramuntana de Mallorca. El caso de Coanegra, por Helena Kirchner</i>	351		
<i>El Ma'ğil de Liétor (Albacete): un sistema de terrazas irrigadas de origen andalusí en funcionamiento, por Carmen Navarro</i>	365		

JAZIDA DE CASTELO VELHO (FREIXO DE NUMÃO). ELEMENTOS ARQUEOZOOLOGICOS

por

Miguel Telles Antunes*

Resumo: O estudo arqueozoológico do sítio de Castelo Velho (perto de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz-Côa, NE de Portugal) incidiu fundamentalmente em materiais escassos e mal conservados provenientes da camada 2 (Idade do Bronze). Outros poucos espécimens foram recolhidos nas camadas 2/3 (transição do Calcolítico para a Idade do Bronze), 3 (finais do Calcolítico) e 4 (Calcolítico). Trata-se fundamentalmente de restos de alimentação humana sujeitos à acção do fogo (por vezes muito queimados). Com a possível excepção de um coelho (admitindo tratar-se de um coelho bravo), não se observaram restos de caça.

Estão presentes o boi doméstico de pequenas dimensões, o porco, a cabra, e alguns carneiros. Praticava-se a pesca nos rios (barbo). Há uma raposa. Alguns sinais de mordedura podem atribuir-se ao cão (também representado por um osso). Outros sinais desses sugerem a presença de doninha e de roedores não identificados. Para uma visão geral, ver Quadro I.

Palavras-chave: Arqueozoologia. Castelo Velho (Freixo de Numão). Restos alimentares humanos.

Abstract: Archaeozoologic study of the Castelo Velho site (near Freixo de Numão, Vila Nova de Foz-Côa, Northeastern Portugal) was mostly carried on rather scant and poorly preserved material from bed 2 (Bronze age). A few further specimens were collected in beds 2/3 (Chalcolithic-Bronze transition); 3 (end of the Chalcolithic); and 4 (Chalcolithic). It represents fired (sometimes much burnt) human food waste. Excepting maybe for a single rabbit (if wild) bone, no game is known. Small domestic cattle, pig, goat, and some sheep were bred. There was some river fishing (barbels). There is a fox. Some bite marks maybe ascribed to dog (also represented by a bone). Other bite suggest the presence of weasel and of unidentified rodents. For an overall view, see Quadro 1.

Key-Words: Archaeozoology. Castelo Velho (Freixo de Numão). Human food waste.

1. INTRODUÇÃO

Escavações de Susana Oliveira Jorge em Castelo Velho (Freguesia de Freixo de Numão, Concelho de Vila Nova de Foz Côa)¹ permitiram recolher, em 1989,

* Academia das Ciências de Lisboa; DCT, Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL, Quinta da Torre, 2825 Monte de Caparica, Portugal.

¹ V. *Actas do presente Congresso*, vol. I, pp. 179 e seg.

1990-91 e 1992, espólio ósseo escasso, muito fragmentário, geralmente mal conservado e que, às vezes, parece corroído: 75 peças na camada 2, da idade do Bronze; 1 na 2/3, da transição do Calcolítico para o Bronze; 4 na camada 3, do Calcolítico final; e 2 no nível 4, do Calcolítico pleno. Este facto não surpreende num contexto de acidez de solos, desfavorável à conservação. Ainda assim, fornece indicações interessantes.

Considerações de carácter quantitativo têm valor limitado pelo muito baixo número de restos identificados. Portanto, as percentagens numéricas de peças ósseas, quando dadas, são-no a título meramente indicativo. Pelas razões invocadas, não parece justificada qualquer tentativa de avaliação ponderal.

A camada 2, a menos pobre, permitiu reconhecer oito espécies de mamíferos e um peixe. Dá uma imagem bastante incompleta do espectro faunístico, mas ainda assim cobre aspectos fundamentais.

A amostra de transição 2/3 deu um fragmento ósseo não identificado (cf. *Ovis* ou *Capra*). Outra, da cam. 3, contém três peças de *Ovis*, fornecendo a única informação com algum significado, além de um fragmento de costela, talvez da mesma espécie. Enfim, a amostra do nível 4 resume-se a uma peça de *Ovis* e uma pequena esquirola.

2. FAUNA E SUA REPARTIÇÃO QUANTITATIVA E ESTRATIGRÁFICA

Os animais identificados são os seguintes:

Canis familiaris (cão); *Vulpes vulpes* (raposa); Cf. *Mustela nivalis* (doninha); *Sus domesticus* (porco); *Capra hircus* (cabra); *Ovis aries* (carneiro); *Bos taurus* (boi); *Oryctolagus cuniculus* (coelho); roedores (só marcas de roidela); mamíferos indeterminados; *Barbus bocagei* (barbo).

Comparação minuciosa com material moderno permitiu, em número apreciável de casos, a distinção entre *Capra* e *Ovis*, sem predelicada, sobretudo a partir de material deficiente.

Os resultados estão condensados no Quadro I.

Evitaremos minúcias sem significado ou especulações que os dados não suportam suficientemente. O assunto merece ser retomado quando haja material melhor e mais numeroso.

Atendendo aos dados disponíveis, essencialmente referentes à camada 2 (salvo expressa indicação em contrário), apresentamos as considerações seguintes, que traduzem as conclusões possíveis no estado actual dos conhecimentos.

3. DISCUSSÃO – CONCLUSÕES

1. Quase tudo são restos de animais domésticos aproveitados na alimentação humana, com as possíveis excepções dos de cão e raposa; no entanto, nítidas marcas de corte na única peça de cão podem significar o contrário. Além de cortes, às vezes muito evidentes, para descarnar ou esfolar, há outros vestígios de intervenção humana – fracturas aparentemente em espiral, por percussão, bem como impressões que talvez possam corresponder a dentes humanos na parte cortical de ossos juvenis. O aproveitamento da medula e a generalizada exposição a fogo abonam no mesmo sentido.

2. Todos os espécimes foram, ou parecem ter sido, submetidos a fogo. Em várias peças não foi ultrapassado o estágio castanho. Noutras, as modificações foram mais profundas: atingiram estádios azulado e, mesmo, branco, especialmente na periferia, indicando que foram deitados à lareira após consumo. O estalamento é frequente.

3. Houve consumo secundário por carnívoros, cujas mordidelas são frequentes – cão; talvez raposa; e um carnívoro pequeno, autor de mordidelas com distância entre caninos correspondente à doninha. Raras marcas parecem de roidelas por roedores.

4. Na camada 2 predominam restos de *Bos taurus* associados aos de *Capra hircus*. São menos os de suínos e de *Ovis*. Contudo, o domínio de *Bos* pode ser mais aparente do que real, por exagero devido a terem sido contabilizadas peças dentárias muito fragmentadas. À luz da experiência relativa a outros arqueossítios, no Sul do País o carneiro parece mais frequente do que a cabra (cf., por ex., ANTUNES, 1987), sendo às vezes exclusivo; a cabra seria mais importante no Norte, onde pode ocorrer sem carneiro (escavações de R. Vilaça em Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade, Penamacor; ANTUNES, nota em publicação na revista *Coninbriga*, Univ. de Coimbra).

5. O pequeno porte de *Bos taurus* é ilustrado pelas dimensões (em mm) de um metatarso esquerdo completo: comprimento máximo, 197; diâmetro antero-posterior máximo na extremidade proximal, 41.0; diâm. transversal máx. na extr. prox., 44.6; diâm. ant.-post. máx. na extr. distal, 28.6; diâm. ant.-post. na extr. distal, 52.3.

6. São pouquíssimos os dados referentes à idade dos animais domésticos abatidos, e à idade de outros aquando da morte. Pela frequência de osso cortical muito vascularizado, há-os juvenis e subadultos a par de algum adulto, o que também se pode inferir da presença de epífises não soldadas. O abate de juvenis era frequente. A única raposa era subadulta a adulta, não velha; o que, com a identidade da pátina e o estalamento dentário, parecem sugerir (com reserva) aproveitamento alimentar.

7. A pastorícia desempenhava papel relevante na economia das populações em causa.

8. Não há representação de equídeos, o que não significa inexistência. Este facto é concorde com observações noutros arqueossítios, onde os equídeos parecem faltar, ou estão mal documentados. Ressalvando situações graves de carência alimentar, não teriam sido consumidos pelo homem.

9. Cão e raposa – o cão (e não o lobo) tem-se revelado presente em diversas jazidas portuguesas desde o Calcolítico. Ao contrário, o registo da raposa é muito escasso, pelo que a presença na camada 2 merece nota. Podem ter sido utilizados pela pele, mas não é de excluir aproveitamento alimentar.

10. Falta a caça, excepto, talvez, algum coelho (que não temos meios de saber se bravo ou doméstico) e a raposa. As raposas, cujo comportamento fossador é conhecido, podem ter escavado tocas na camada arqueológica e aí terem morrido, sobretudo se velhas; como não é o caso, não temos motivo para admitir aquela hipótese que, todavia, não é impossível. Falta ou escassez de caça têm-se mostrado frequentes, pelo menos depois do Calcolítico. No caso vertente, o contributo da caça não é evidente.

11. Coelho – está representado por uma só peça, decerto abandonada após consumo. Esta situação, conjugada com (e corroborada pela) falta de pequenos mamíferos, cuja presença só é denunciada por marcas de roidela, resulta de insuficiente colheita de restos muito pequenos.

12. Era praticada a pesca fluvial: o barbo está representado. Deve tratar-se de *Barbus bocagei*, comum nos rios do Norte, identificado pela primeira vez em arqueossítios portugueses (conhecemos outros barbos em jazidas medievais – camada 3 do Castelo de Silves e casa II da alcáçova de Mértola).

13. Quanto à amostra de transição 2/3, quase nada se pode dizer, enquanto a camada 3 revela *Ovis*, sem *Capra*; porém, a cabra pode ter coexistido. Por escassez de dados, não é possível concluir a favor de alteração do padrão da pastorícia, desde ovinicultores (cam.3) a criadores de cabras (cam.2).

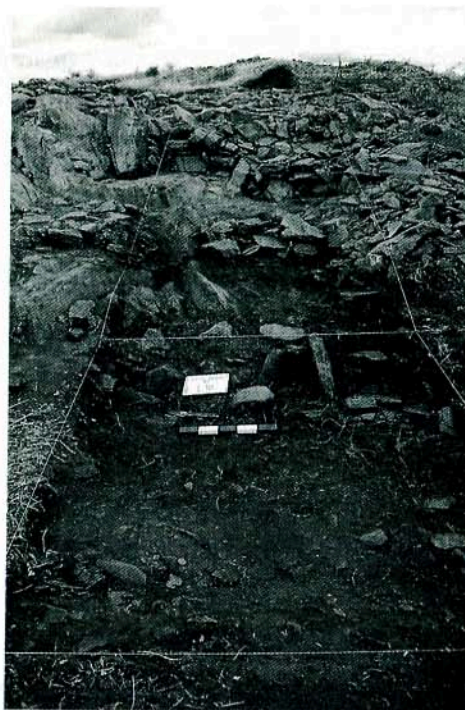
Quadro I
MAMÍFEROS E PEIXE

Amostras	1	3	4	5	6	8	9	10	11	12	13	14	16	17	Σ c2	% c2	15	7	2	Σ
Taxa	Camada 2 (89 +90-91 +92)															Identificados	c. 2/3	c. 3/90	c. 4/90	Tot.
<i>Canis familiaris</i>	x					x	x		x	x	1				1	3,2				1
<i>Vulpes vulpes</i>												1			1	3,2				1
<i>Cf. Mustela nivalis</i>														x						
<i>Sus domesticus</i>				1		1	2						1		5	16,1				5
<i>Ovis aries</i>				1											1	3,2		3	1	5
<i>Capra hircus</i>			1	1			2	1				2	2		9	29,0				9
<i>Bos taurus</i>	2			1	2		1		1		1	3	1	1	13	41,9				13
<i>Oryctolagus cuniculus</i>													1		1	3,2				1
Roedores								x	x						31	99,8				
Mamíferos indeterminados		1			4		3	8	12	1	3	2	9		43		1	1	1	46
<i>Barbus bocagei</i>			1												1					1
Σ	2	1	2	4	6	1	8	9	13	1	5	8	14	1	75		1	4	2	82

- Camada 2, número de restos identificados de mamíferos (31)/ total (75) < 41.3%. Outras camadas: percentagens sem significado.
- Percentagens de mamíferos da cam. 2 com base nos restos identificados; % numéricas com pouco significado, e ponderais não significativas. Outras camadas: percentagens sem significado.
- x – só marcas de roidela.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ANTUNES, M. T. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba IV – Mamíferos (Nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*, vol. VIII, 1987, pp. 103-144.



Dois aspectos de uma pequena estrutura pétrea da Idade do Bronze que continha fragmentos ósseos carbonizados de animais (Castelo Velho de Freixo de Numão, 1992 – escav. e fotos de Susana O. Jorge).

CONTENIDO DE MERCURIO EN HUESOS DE ANIMALES DOMÉSTICOS Y TRASHUMANCIA

por

E. Logemann*, G. Kalkbrenner**, B. Krützfeldt*** y W. Schüle**

Resumen: La evolución de los sistemas prehistóricos de producción animal en la Península Ibérica es poco conocida. Sobre todo la cuestión de la trashumancia prehistórica queda abierta. Suponemos que mercurio, un elemento muy concentrado en los suelos de la zona de Almadén, ha sido asimilado por animales que pastearon por allí. El contenido de mercurio en huesos de ganado bovino y ovino/caprino, procedentes de diferentes excavaciones arqueológicas, está analizado y interpretado.

Palabras-clave: Ganadería prehistórica. Trashumancia. Mercurio.

Abstract: The evolution of prehistoric animal production systems in the Iberian Peninsula is little understood. Particularly the question of prehistoric transhumance is still open. It is assumed that mercury, which is highly concentrated in the soil of the Almadén region, was absorbed by animals grazing there. The mercury content of cattle and sheep/goat bones from different archaeological excavations is analyzed and interpreted.

Key-Words: Prehistoric livestock raising. Transhumance. Mercury.

PARTE 1: INTRODUCCIÓN GENERAL

El problema histórico-arqueológico: ¿cómo se crió el ganado en tiempos pre-medievales?

Desde la Alta Edad Media la forma predominante de la ganadería ovina y bovina en la Península Ibérica era la trashumancia (KLEIN 1920; GARCIA MARTIN & SANCHEZ BENITO 1986). La trashumancia es un fenómeno muy

* Institut für Rechtsmedizin der Universität Freiburg/Brsg., Albertstraße 9, D-79104 Freiburg/Brsg., Germany.

** Institut für Ur- und Frühgeschichte der Universität Freiburg/Brsg., Belfortstraße 22, D-79098 Freiburg/Brsg., Germany.

*** GFU, Gesellschaft für Umweltanalytik, Castellbergstraße 5, D-79282 Ballrechten-Dottingen, Germany.